

Universidades Estadual de Car



1290004204

TCC/UNICAMP
P655e
FE

Faculdade de Educação

Jacqueline Mayumi Matsushita Pinheiro

Estudo de escolas-étnicas japonesas:
de 1932 a 1942

Campinas

2009

i
UNICAMP - BIBLIOTECA

200926002

Universidade Estadual de Campinas

Faculdades de Educação

Jacqueline Mayumi Matsushita Pinheiro

Estudo de escolas-étnicas japonesas:
de 1932 a 1942

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Campinas

2009

ii

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	JCC
	P655e
V:	EX:
Tombo:	4204
PROC.:	148/09
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/10/09
CÓD TÍTULO:	467130

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P655e Pinheiro, Jacqueline Mayumi Matsushita
Estudo de escolas étnicas japonesas : de 1932-1942 / Jacqueline Mayumi Matsushita Pinheiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : José Luis Sanfelice.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Imigração japonesa. 2. Escolas étnicas. 3. História da educação. 4. Imigrantes. 5. Memória. I. Sanfelice, José Luís. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-191-BFE

Folha de aprovação

Ao Júnior.

À minha *batyian* Kaoru Matsushita e ao meu
dityian Hiroo Matsushita (in memória).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu querido primo Wagner, sem sua ajuda eu não teria entrado nessa universidade e também aos seus pais tia Zezé e tio Fredo.

Aos meus pais Adelle e Jorge; meus irmãos Jim, Michelle, Jacques, Michel; aos meus sogros Cida e Cido; meus cunhados Helder, Ivan, Toshio, Vanessa, Paula e meus sobrinhos Gabriella e Pedro pelo companheirismo.

Aos professores José Luis Sanfelice pela orientação e Débora Mazza pela contribuição.

Aos entrevistados Kaoru Matsushita, Kanji Morimoto e Yuri Noguchi Muraguchi pela experiência.

Ao Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas e à Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Atibaia – ACENBA pela atenção.

Às amigas Sabrina e Lillian pela nossa amizade.

À Professora Ângela Soligo, Deise Tallarico Pupo e Regina Chiga Akama pelo apoio.

Ao Júnior pelo carinho e dedicação.

*“O conceito de ‘mutabilidade do homem’
consiste em que o homem pode mudar a
direção da sua vida através de seu próprio poder.
Com isso, todo ser humano pode ser transformado
numa pessoa ideal através da educação.”*
(Aso e Amano, 1972:03)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contribuir com o estudo das escolas étnicas japonesas, através de uma pesquisa bibliográfica e da história oral. Ele é dividido em introdução, cinco capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo visa à compreensão dos fatos históricos relacionados à migração: porque ela ocorreu, as razões que tornaram o Japão um país emigrantista e o Brasil imigrantista.

O segundo faz apontamentos sobre o imigrante japonês no Brasil: seus antecedentes, suas dificuldades encontradas, a formação de seus núcleos coloniais e o preconceito que sofreram, tanto da opinião pública quanto governamental.

O terceiro tem em vista a Educação dos japoneses: o valor da instrução e as escolas étnicas desses.

No quarto está exposta a pesquisa realizada: a metodologia que foi utilizada, a realização das entrevistas e os depoimentos dos imigrantes japoneses que estudaram no Brasil.

O quinto e último capítulo expõe as fotos cedidas pelos entrevistados.

- 10.Figura IV - Kaoru e sua família, poucos meses antes de emigrarem para o Brasil – Fevereiro de 1933. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 11.Figura V - Corpo docente do Grupo Escolar de Bastos, escola em que Yuri estudou – 1940. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 12.Figura VI - Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou. – 1940. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 13.Figura VII – Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou. – 1940. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 14.Figura VIII – Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou. – 1940. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 15.Figura IX – Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou. – 1940. (Fonte: Arquivo pessoal)
- 16.Figura X - Turma de corte e costura de Yuri, em Presidente Prudente -1944 ou 1945. (Fonte: Arquivo pessoal)

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I - Migrações internacional no século XIX e XX.....	3
1.1 Quais foram às razões que levaram as pessoas a migrarem?.....	3
1.2 O Japão e a emigração.....	7
1.3 O Brasil e a imigração.....	10
Capítulo II - Os imigrantes japoneses no Brasil.....	14
2.1 Antecedentes.....	14
2.2 As dificuldades encontradas na primeira leva dos imigrantes.....	15
2.3 Da segunda leva de imigrantes até 1935.....	17
2.4 A formação dos núcleos coloniais.....	19
2.5 O preconceito amarelo.....	20
Capítulo III – A Educação.....	23
3.1 O valor da instrução para os japoneses.....	23
3.2 As escolas étnicas japonesas.....	27
3.3 Escolas nos núcleos coloniais.....	28

3.4	Escolas na zona urbana.....	31
Capítulo IV – A pesquisa.....		36
4.1	A metodologia utilizada.....	36
4.2	A realizações das entrevistas.....	38
4.3	Apresentação dos entrevistados.....	41
4.4	O relato oral dos imigrantes que estudaram no Brasil.....	44
Capítulo V – Fotos.....		54
Considerações Finais.....		59
Referência Bibliográfica.....		61
Anexos		65

Introdução

O Brasil recebeu diversos imigrantes ao longo dos anos. Muitos deles tiveram uma dura trajetória. Os japoneses foram um deles. Chegaram em 1908, em um país com grandes diferenças, em vários aspectos.

A dificuldade de adaptação na primeira leva fez com que muitos abandonassem as fazendas de café, onde foram trabalhar, pois vieram para o Brasil com o desejo de juntar uma boa quantia de dinheiro, durante no máximo três anos, e depois retornar ao seu país de origem. No entanto, como tiveram que ficar mais tempo, passaram a se preocupar com a educação de seus filhos se fixando em alguns lugares, os chamados núcleos coloniais.

Foi nesses núcleos que ocorreu a construção de escolas, de baixo custo. Quando havia poucos alunos, a escola funcionava em uma casa particular. Pois o importante era improvisar do que não a ter¹.

Existiram diferentes tipos de escolas japonesas², que eram conhecidas como escolas-étnicas. Nelas, no primeiro momento, o ensino era exclusivo na língua japonesa passando essa para disciplina extracurricular, a partir da década de 1930 – quando o nacionalismo começou a aumentar.

A partir dessas informações, este presente trabalho tem por finalidade estudar as escolas-étnicas, através da história oral de imigrantes japoneses. Sobretudo, na região do Estado de São Paulo.

¹ HANDA, T. 1987, p.290.

² DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.51.

Para isso, foi feito uma longa pesquisa bibliográfica, em que foram selecionados os livros que abordassem a trajetória desses imigrantes. Em seguida, completado com entrevistas do depoimento oral dos imigrantes que estudaram no Brasil, a fim de registrar como foi a assimilação deles com algumas dessas escolas.

Capítulo I - Migrações internacionais no século XIX e XX

1.1 Quais foram às razões que levaram as pessoas a migrarem?

De acordo com Klein (1999), essa questão é tradicional e não há uma resposta precisa, pois existem vários motivos para que as pessoas se desloquem de seus países ou se atraiam para outros e o modo de como se compensam esse deslocamento e essa atração. A imigração ocorre em razão da sobrevivência, seja para fugir da fome ou de perseguições religiosas e étnicas. E a principal razão da emigração são as condições econômicas, e o que a influencia é a questão demográfica.³

Para Ando (1976), o que ocorreu foi que a transição do sistema feudal para o capitalismo provocou a crise na agricultura e na economia de muitos países. Os camponeses foram obrigados a deixarem suas terras, por causa dos altos impostos e migraram para as cidades. Lá as indústrias arrancavam das mãos dos artesãos os meios de produção e, de donos, eles se transformavam em meros empregados. Como havia mais mão-de-obra do que emprego, os salários eram muito baixos, muitos indivíduos se tornaram desempregados e, conseqüentemente, mendigos; e as cidades foram ficando saturadas. A única saída era a emigração para outros países. Essa situação foi semelhante em vários países da Europa assim como na Ásia. Naturalmente, houve também aqueles que abandonaram sua nação devido à guerra, fome ou perseguição religiosa; e outros que foram atraídos por motivos

³ KLEIN, H. S. 1999, p.13-15.

personais, esses grupos de pessoas são pequenos em relação ao movimento migratório desse período.⁴

E segundo George (1977), há duas razões para as migrações, que são por fatos políticos e de ordem econômica. A primeira é ocasionada *"(...) por uma ruptura de um sistema de equilíbrio entre comunidades intrinsecamente antagonistas, provocada por um acontecimento: guerra, revolução, perseguição racial ou religiosa."*⁵ E a segunda, tem caráter totalmente diferente.

"Neste caso, o factor de partida é a circunstância de o grupo ou indivíduo reconhecer a impossibilidade de manter completa, no lugar de residência tradicional, uma população que tem crescimento demográfico mais rápido que os recursos disponíveis, ou reconhecer que tem possibilidade de melhorar as condições de vida se participar, por intermédio de alguns dos seus membros, na repartição do rendimento duma economia mais desenvolvida. Por outras palavras, a emigração é considerada um correctivo da pobreza do indivíduo e do grupo."⁶

Já Nogueira (1983), relata um fator interessante que os outros autores não citam:

"(...) o desenvolvimento dos meios de transporte, tanto terrestre quanto aquáticos, graças ao emprego do vapor e aos avanços conseguidos pela técnica. Com isto foi possível a travessia do Atlântico com maior facilidade, o que até 1850 constituía-se

⁴ ANDO, Z. 1976, p.05-07-08.

⁵ GEORGE, P. 1977, p.27.

⁶ Id, ibid, p.30.

numa verdadeira façanha difícil e perigosa. Assim, a navegação a vapor e a motor, a multiplicação das estradas, inclusive transcontinentais, agiram de forma inequívoca, na medida em que, diminuindo as distâncias, facilitaram, e muito, as comunicações.”⁷

Sasaki e Assis (2000), mencionam Richmond (1988)⁸ que examinou como os autores Malthus, Marx, Durkheim e Weber abordam o assunto da migração. Deste modo, ele

“demonstrou que a migração era analisada enquanto consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Isto envolvia o declínio das comunidades rurais e a criação de culturas heterogêneas e cosmopolitas, na concorrência dos imigrantes por emprego e na luta para sobreviver numa cidade de ambiente estranho.”⁹

Por fim, Hobsbawn (1996) diz que o fluxo migratório da metade do século XIX não dá para ser detalhado exatamente, pois as estatísticas oficiais não conseguiam capturar todos os movimentos que ocorriam. Porém, pode ser aproximadamente documentada.¹⁰ Assim, os:

“Movimentos populacionais e industrialização andam juntos, já que o desenvolvimento econômico moderno do mundo pede mudanças substanciais junto

⁷ NOGUEIRA, A. R. 1983, p.12.

⁸ RICHMOND, Antony H. Immigration and ethnic conflict, London, MacMillan Press, 1988.

⁹ SASAKI, E. M.; ASSIS, G.de O. 2000, p.02.

¹⁰ HOBBSBAWN, E. J. 1996, p.271.

aos povos e, por outro lado, facilita tais movimentos tornando-os tecnicamente baratos e mais simples através de comunicações novas e melhores, assim como, evidentemente, permite ao mundo manter uma população bem maior.”¹¹

O mesmo autor relata que a limitação da migração nessa época era geográfica, e havia problemas complexos tais como os imigrantes não entenderem a língua do país ou ainda não saberem a que lugar pertenciam. Para esse mesmo problema Bourdieu (1998) aponta que,

“Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.”¹²

Hobsbawn (1996), fala ainda que as pessoas migram, sobretudo, em razão econômica. Há também motivos como perseguições políticas ou religiosas, e a fome ou pressão da população na terra.¹³

De fato, a maioria dos autores mencionados anteriormente concorda que, o período que vai do início do século XIX até os anos 30 do século XX, foi o auge das migrações internacionais. E que o lugar que mais absorveu a emigração moderna foi o continente Americano, pois muitos de seus países se tornavam independentes

¹¹ Id, *ibid*, p.272.

¹² BOURDIEU, P. 1998, p.11.

¹³ HOBBSBAWN, E. J. 1996, p.280-281.

politicamente, além de precisarem de mão-de-obra, uma vez que muitos países estavam extinguindo o regime de escravidão. Na América do Sul vários países subsidiavam a vinda dos imigrantes, pagando os seus gastos de viagem. Isso era uma forma de atrair um maior número de pessoas para seus territórios.¹⁴ Klein (1999) diz que: *“Na Europa, a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto, cara.”*¹⁵ Isso era mais um fator de atração para a América.

Assim, observa-se que cada autor mencionado tem seu ponto de vista sobre as razões que levaram as pessoas a migrarem para outros países. Percebe-se, dessa forma, que realmente não há resposta única sobre essa questão, no entanto é notável que todos citam as razões econômicas e políticas.

1.2 Japão e a emigração

A partir da Reforma *Meiji*, do imperador *Matsuhito* que vai de 1868 a 1912¹⁶, o Japão começou a se modernizar. Antes, no chamado período *Tokugawa* (1600-1867)¹⁷, era um país agrário, fechado para o comércio internacional e dividido por uma rígida hierarquia social (imperador, família imperial, nobres da corte, o *shogun* – generalíssimo, *daimyos* - senhores feudais, *samurais* – guerreiros, os agricultores, os artesãos, os comerciantes e os párias.)¹⁸. O *Shogunato*¹⁹ de *Tokugawa* era uma

¹⁴ ANDO, Z. 1976, p.10.

¹⁵ KLEIN, H. S. 1999, p.15.

¹⁶ ARAUJO, B. 1995, p.12.

¹⁷ CAMACHO, L.M.Y 1993, p.56.

¹⁸ CAMACHO, L. M. Y. 1993, p.23

unificação de senhores feudais que dominavam o país, donos de grandes extensões de terras. Nogueira (1983) diz que: "Durante dois séculos e meio o Japão viveu um governo duplo: do *shogum* e do imperador." ²⁰

No período *Tokugawa* (1600-1867) não houve guerras internas. No entanto, surgiram muitos camponeses empobrecidos, uma crise de fome se alastrou no país por um amplo período e existiu uma permissão do governo para o aborto e o infanticídio. Tudo isso colaborou para um controle populacional no Japão.²¹

Ao final desse *Shogunato*, o Japão foi obrigado a assinar tratados de paz e amizade pelos países desenvolvidos da Europa e da América. Em 1868, foi restituída a soberania do imperador, nesse mesmo ano emigraram do Japão 195 rapazes. Quarenta e dois deles foram para a ilha alemã de Guam trabalhar como lavradores e 153 para o *Hawai* trabalhar nas plantações de cana. Esses primeiros emigrantes receberam tratamento análogo aos dos escravos, muitos morreram nesses países. O governo *Meiji* anulou a licença de imigração, na segunda leva para o *Hawai*. Mesmo assim, sem permissão, o navio saiu durante a noite levando vários emigrantes. A imprensa e o governo nipônico criticaram impetuosamente esse ato. Foi pedida a repatriação deles e com um acordo conciliatório apenas 29,5% aproximadamente voltaram para o Japão o restante ficaram no *Hawai* até o fim do contrato.²²

Para prevenir a exploração dos emigrantes o governo japonês estabeleceu códigos que punissem por dois ou mais anos de prisão, aqueles que aliciassem ou

¹⁹ O Shogunato era o nome dado ao regime do governo, semelhante aos feudos europeus.

²⁰ NOGUEIRA, A. R. 1983, p. 32.

²¹ ANDO, Z. 1976, p.61.

²² NOGUEIRA, A. R. 1983, p.37-38.

obrigassem alguém a emigrar. Foi permitida a emigração com a intenção de trabalho por apenas um ano. Alguns países se interessaram pela mão-de-obra japonesa, porém foram desestimulados pelo curto prazo de contratação.

Com o excesso da população, o governo nipônico estimulou a migração dentro do próprio país, para a ilha de *Hokaido*. De acordo com Sakurai (1999),

“O crescimento demográfico acentua-se em decorrência da elevação da qualidade de vida da população japonesa. A diminuição da taxa de mortalidade infantil, a proibição do infanticídio são frutos da política do governo japonês na tentativa de modernizar rapidamente o país.”²³

Em 1883, trinta e sete japoneses foram autorizados pelo governo, para trabalhar na Austrália como mergulhadores por três anos. Segundo Ando (1976), “Estes mergulhadores podem ser considerados os pioneiros da emigração de técnicos.”²⁴

As graves condições sócio-econômicas do país fizeram com que o governo liberasse a emigração. E em 1884, foi assinado o Tratado de Navegação Japão-*Hawai*, no ano seguinte 944 pessoas foram trabalhar nesse país.

Em 1891, foi fundada a primeira companhia de emigração e logo em seguida surgiram outras. Essas agências enviaram japoneses para vários lugares como:

²³ SAKURAI, C. 1999, p. 203.

²⁴ ANDO, Z. 1976, p. 70.

Austrália, Nova Caledônia, Guadelupe, Peru, México, Filipinas, Canadá e nos Estados Unidos.²⁵

Os Estados Unidos, país que mais recebeu imigrantes, por volta de 1882, elaborou leis para evitar a entrada de alguns imigrantes no país. Os japoneses foram um deles. Com o *Hawai* passando a ser território norte americano, em 1898, também ocorreu a mesma coisa. As companhias de emigração tiveram que procurar outros países receptores. Em 1907 uma dessas firmou contrato com o Governo do Estado de São Paulo, Brasil. Assim, em 1908 desembarcou a primeira leva de imigrantes japoneses nesse país.

1.3 O Brasil e a imigração

Com a chegada da família real, fugida das tropas napoleônicas que invadiram Portugal, no começo do século XIX, ocorreu enormes mudanças nos costumes, na vida social e econômica no Brasil. O Rei D. João providenciou primeiramente a abertura dos portos para todas as nações, menos para a França. Depois, transformou o Brasil de colônia para Reino de Portugal nomeando-se D. João VI.²⁶

Antes desse acontecimento, D. João proibia a entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil, só eram aceitos os colonizadores, portugueses católicos.²⁷ No entanto, após a abertura dos portos, houve poucos imigrantes interessados em

²⁵ Id, ibid, p.72-73.

²⁶ BASBAUM, L. 1986, p.103.

²⁷ ANDO, Z. 1976, p.105.

vir para esse país, uma vez que as epidemias, o subdesenvolvimento industrial, a forte presença do catolicismo e a insistência da escravidão os inibiam.

Após a proibição da importação de escravos, em 1850, as fazendas de café sentiram a falta dessa mão-de-obra. No começo, compravam os escravos negros do nordeste e de Minas Gerais, mas os preços foram aumentando e então tiveram que recorrer aos imigrantes, que eram de dois tipos: os colonos, que vinham de acordo com o governo brasileiro, e os trabalhadores, que chegavam já contratados pelos fazendeiros. Os colonos trabalhavam no sistema de parceira, que foi um dos sistemas de transição do regime escravista para o assalariado do tipo capitalista, no qual recebiam uma porcentagem da colheita, mas havia os descontos da passagem e de suas despesas, além de uma manipulação no cálculo dessa porcentagem, fazendo com que suas remunerações chegavam a preços injustos. Eles eram tratados de forma parecida aos escravos.²⁸

Com o fim da escravidão, os fazendeiros achavam importante a substituição dos escravos pelos colonos. Vieram para o Brasil, alemães, italianos, espanhóis, portugueses, etc.

Diégues Jr (1964), diz que os principais grupos que entraram no Brasil, nas estatísticas imigratórias, foram: os portugueses, italianos, espanhóis, franceses, alemães, turco-árabes, japoneses, austríacos, uruguaio, argentinos, paraguaio, norte-americanos, ingleses, belgas, etc e outros países que o contingente não foi significativo²⁹. Ele relata ainda, que nos períodos de 1851/1888 e 1889/1914 os

²⁸ Id, *ibid*, p.107-108.

²⁹ DIÉGUES JR, M. 1964, p.52.

italianos foram os que mais entraram nesse país e em 1931/1939 foram os japoneses que ocuparam a primeira posição.³⁰

No período de 1896 a 1906, ocorreu no Brasil uma superprodução do café e quem sofreu com isso foram os colonos. Muitos retornaram para seus países de origem ou foram para a Argentina e os que não tinham dinheiro se dirigiam para São Paulo, que teve um grande crescimento populacional em um curto período.³¹

Um grande número de imigrantes italianos voltou para Itália, isso fez com que o governo desse país proibisse a vinda deles para o Brasil.

Essa crise cafeeira levou muitos fazendeiros à falência. O governo do Estado de São Paulo promoveu várias imposições para que os colonos não abandonassem o país, como: os fazendeiros respeitarem os direitos humanos; o Estado passou a subsidiar famílias inteiras e houve a facilidade dos colonos após o término do contrato de poderem comprar terras.³²

Nesse mesmo período, o sistema de parceria fracassou e foi substituído pelo de mesada, cada colono era responsável pela colheita e pelo cuidado de uma determinada quantia de pés de cafés. Com a crise cafeeira, esse trabalho passou a ser destinado para família de até três pessoas.

Com a proibição italiana, dita anteriormente, o Brasil começou a procurar imigrantes de outros países. Após diversos acordos feitos e desfeitos, foi firmado o contrato da emigração com o governo japonês em 1907. Dessa forma os japoneses chegaram ao Brasil em 1908.

³⁰ Id, *Ibid*, p.27-28.

³¹ ANDO, Z. 1976, p.113-114.

³² Id, *ibid*, p.120.

Os japoneses desembarcaram no Estado de São Paulo, que foi o centro de fixação desses imigrantes. Em 1928, foram para o Estado do Amazonas, e se espalharam para outros lugares como: Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, e entre outras localidades brasileiras.³³

³³ DIÉGUES JR, M. 1964, p.54.

Capítulo II - Os imigrantes japoneses no Brasil

2.1 Antecedentes

Em 1895, foi assinado o tratado de comércio entre Brasil e Japão. Dois anos depois surge uma tentativa de enviar emigrantes japoneses para o Brasil, não dando certo devido a crise do café que ocorreu nesse período.

Segundo Rezende (1991), após visitar os Estados de Minas Gerais e São Paulo, em 1905, o Ministro *Fukashi Sugumura* escreveu um relatório sobre a possibilidade de um contrato de imigração entre Brasil-Japão. Esse relatório foi publicado no Japão e várias pessoas se interessaram em vir para o Brasil. Instigado pelo relatório *Ryu Mizuno*, fundou a Companhia Imperial de Emigração e veio conhecer esse país, fazendo duas visitas até conseguir fechar um contrato como o Governo do Estado de São Paulo em 1907. Esse acordo estabelecia que seria permitida a entrada de 3.000 imigrantes japoneses em três anos, que deveriam vir em famílias de no mínimo três pessoas trabalhadoras, com idades de doze a quarenta e cinco anos. A Companhia de emigração era responsável por enviar cinco intérpretes ao Brasil, antes da chegada dos imigrantes.³⁴

Após negociações com o Governo do Japão, *Ryu Mizuno* foi autorizado a convidar o povo japonês a emigrar. A partida prevista do navio *Kasato Maru* era para o dia 14 de abril de 1908, mas por questões alfandegárias ele foi impedido de sair.

³⁴ REZENDE, T. H. de. 1991, p.44-52 .
NOGUEIRA, A. N. 1983, p.97.

Com ajuda de pessoas influentes naquele país e mais os empréstimos dos próprios emigrantes, *Mizuno* conseguiu autorização para que o *Kasato Maru* deixasse o porto de Kobe.³⁵

O navio aportou em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Depois de passarem pela alfândega brasileira, os imigrantes foram levados para a Casa do imigrante em São Paulo e depois de alguns dias, foram distribuídos em seis fazendas.³⁶

2.2 As dificuldades encontradas na primeira leva dos imigrantes

Em uma das fazendas, os imigrantes fizeram greve, reivindicando o salário indicado pela cláusula contratual, melhores condições de trabalho e pediram a devolução do dinheiro que emprestaram para *Mizuno*. Como não houve um acordo com o dono da fazenda, os imigrantes foram conduzidos para outros lugares e uma parte do empréstimo foi devolvida. Surgiram revoltas em outras fazendas, exceto uma, eles também exigiam a devolução de seus dinheiros.³⁷

Dois terços dos imigrantes abandonaram as fazendas antes de terminarem o período do contrato, muitos foram para São Paulo e Rio de Janeiro, onde trabalhavam de artesãos, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, estivadores no porto de Santos, empregadas domésticas e na construção de estradas de ferro. Outros

³⁵ Id, *ibid*, p.53-54.

³⁶ Id, *ibid*, p.56-61.

³⁷ Id, *ibid*, p.63-65.

foram para a Argentina.³⁸ De acordo com a tabela abaixo, verificamos o destino de alguns colonos japoneses:

Tabela I	
OS DESTINOS DOS COLONOS JAPONESES DA PRIMEIRA LEVA QUE DEIXARAM AS FAZENDAS FORAM:	
Outras fazendas	40
São Paulo	102
Porto de Santos	110
Reemigraram para a Argentina	160
Outros	Algumas dezenas
Fonte: Ando, Z. 1976, p. 138	

Os imigrantes tinham a intenção de trabalharem um período para juntar dinheiro e voltarem para o Japão, mas com o sistema de mesada (dito anteriormente) eles não conseguiam guardar nenhum dinheiro no primeiro ano de trabalho na fazenda. Sem contar que chegaram num período em que a safra de café foi pequena, pois os pés estavam enfraquecidos.

Nas cidades a situação não era diferente, eles ganhavam o suficiente para sobreviver e morar em pensões de baixo custo.

O Governo do Estado de São Paulo alterou o contrato de imigração, pelas dificuldades encontradas na adaptação dos imigrantes. E *Mizuno* foi obrigado a aceitar essa nova proposta. Ele retornou ao Japão para trazer mais imigrantes, mas

³⁸ ANDO, Z. 1976, p.138.

o Ministério das Relações Exteriores não concedeu a autorização, por razão do fracasso encontrado na primeira leva.³⁹

Então ele procurou políticos e empresários que pudessem ajudar financeiramente, porém não obteve sucesso. Até que conseguiu convencer um grande e influente empresário a assumir a Companhia de Emigração Imperial - empresa responsável pela emigração para o Brasil e que era de *Mizuno* - mudando para o nome de Comercial Colonizadora *Takemura*, assim a segunda emigração foi autorizada pelo Ministério das Relações Exteriores sem nenhum empecilho. O *Ryojun Maru* parte do porto de Kobe no dia 4 de maio de 1910, com 906 pessoas, chegando ao Brasil cinquenta e seis dias depois.⁴⁰

2.3 Da segunda leva de imigrantes até 1935

Os imigrantes foram divididos em dezessete fazendas e não tiveram problemas de adaptação, pois os outros que estavam no Brasil já falavam a língua portuguesa e assim era mais fácil a comunicação.⁴¹

O governo japonês começou a se interessar pela emigração para o Brasil. Deste modo, apareceram outras firmas responsáveis pela emigração, enviando

³⁹ REZENDE, T. H. de. 1991, p.66.

⁴⁰ Id, ibid, p.67-68.

⁴¹ Id, ibid, p.69.

vários estrangeiros para o esse país. Em 1912, saiu do Japão, o *Itsukushima Maru* com mais uma leva de imigrantes.⁴²

Com a morte do Imperador *Meiji* e mais outros acontecimentos, o Japão entrou em uma grave crise. No Brasil, em 1915, o Governo de São Paulo parou de auxiliar os imigrantes japoneses, pois era um custo muito caro, já que muitos deles abandonavam as fazendas antes mesmo do fim do contrato. No entanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial o número de imigrantes europeus decaiu. O governo teve que voltar a subsidiar o imigrante japonês e autorizou a entrada de 5.000 imigrantes anuais, no período de 1917 a 1920. Mas com o fim da guerra esse número voltou a 3.000 anuais e após 1924 o governo cortou totalmente a ajuda que dava aos imigrantes japoneses, pelas mesmas razões anteriores. Mas mesmo assim, muitos japoneses emigravam para o Brasil.⁴³

De acordo com as tabelas abaixo, percebe-se que no período de 1908 até 1930 entraram no Brasil 93.757 imigrantes japoneses. De 1928 a 1934 foi o auge da imigração japonesa nesse país, entrando 97.984 pessoas. Depois de 1935 houve uma acentuada diminuição em razão da Lei Cotas de Imigração, que restringia a entrada dos estrangeiros. Somente entraria no país até 2% por nacionalidade do total de imigrantes admitidos pelo país nos últimos 50 anos. Com exceção dos portugueses que poderiam entrar livremente no Brasil.

⁴² Id, *ibid*, p.71.

⁴³ ANDO, Z. 1976, p.144.

Tabela II			
NÚMERO DE IMIGRANTES SUBVENCIONADOS PELO GOVERNO PAULISTA			
Ano	Imigrantes europeus	Imigrantes nipônicos	Limite para imigrantes japoneses
1908	8.654	779	1.000
1909	12.936	-	-
1910	14.611	906	1.000
1911	21.458	-	-
1912	39.643	2.844	-
1913	46.771	6.948	-
1914	11.939	3.497	-
1915	2.713	-	-
1916	6.777	-	-
1917	12.238	4.048	5.000
1918	827	5.903	5.000
1919	2.585	2.675	5.000
1920	7.091	971	5.000
1921	12.640	923	3.000
1922	9.378	528	600
1923	14.013	866 (156 fam.)	170 fam.
1924	21.289	406 (71 fam.)	150 fam.
TOTAL	245.563	31.294	

Fonte: Ando, Z. 1976, p.177

Tabela III	
NÚMEROS DE IMIGRANTES JAPONESES ENTRADOS NO BRASIL	
Ano	Nº de Imigrantes
1924	4.935
1925	4.912
1926	7.639
1927	10.050
1928	10.812
1929	11.515
1930	12.600
1931	5.332
1932	15.023
1933	21.000
1934	21.702
1935	6.400
1936	5.373
1937	4.642
1938	2.552
1939	1.294
1940	1.556
1941	1.350
TOTAL	148.737

Fonte: Ando, Z. 1976, p.182

2.4 A formação dos núcleos coloniais

Ao perceberem que não conseguiriam juntar dinheiro desejado em dois ou três anos, os imigrantes japoneses começaram a permanecer mais tempo ou até o fim de seus contratos nas fazendas. Após o término do contrato, muitos deles se tornavam formadores de cafeeiro - trabalho de derrubar e limpar a mata, para plantar as mudas de café e cuidar dos pés até dar os frutos, isso levava de 4 a 6 anos. Nesse período eles podiam fazer culturas intercaladas de arroz e feijão entre os cafeeiros, e a primeira colheita do café se revertia em seus benefícios. O plantio de

arroz começou a dar lucros, o que fez muitos imigrantes arrendarem terras para esse cultivo.⁴⁴

Por volta de 1915, houve uma preocupação por parte de muitos imigrantes com a educação de seus filhos, pois mesmo que juntassem dinheiro e regressassem ao Japão, as crianças não conseguiriam viver nesse país se não soubessem a língua japonesa e a instrução primária. Isso foi o incentivo para que eles criassem os núcleos e abandonassem a lavoura itinerante e arrendatária.

Existiram três tipos de núcleos: formados pelas companhias de imigração, pelos próprios imigrantes, e por grupos empresariais. Os núcleos de Iguape, Aliança, Tietê, Bastos e Sete Barras fazem parte do primeiro tipo; do segundo os de *Hirano* e de *Uetsuka*; e do terceiro os de Birigüi, outros ao longo da linha férrea de Juquiá e norte do Paraná.⁴⁵

2.5 O preconceito amarelo

A introdução de imigrantes japoneses no território brasileiro aconteceu tardiamente, pois já havia uma opinião negativa sobre os asiáticos no país, tanto pública como governamental, houve leis e decretos promulgados pelo governo federal e do Estado de São Paulo.⁴⁶

⁴⁴ Id, *ibid*, p.152.

⁴⁵ HANDA, T. 1987, p.211.

⁴⁶ NOGUEIRA, A. N. 1983, p.79.

Essa opinião negativa sobre os asiáticos estava vinculada aos chineses, pois como diz Nogueira (1993), *“À medida que foi sendo combatida a escravidão e que se evidenciava a carência cada vez maior de mão-de-obra surgiu como alternativa a importação de chineses”*⁴⁷ Assim, o Brasil fez algumas tentativas trazendo esses imigrantes. Porém, como a adaptação dos imigrantes chineses era muito difícil, eles traziam muitos problemas para o Brasil. Muitos políticos acreditavam que a presença deles pudesse dificultar a entradas de outros imigrantes oriundos da Europa. Dessa forma, o preconceito se entendeu para todos os imigrantes asiáticos.⁴⁸

Sobre os decretos e leis Nucci (2000), menciona Flávio V.Luizetto (1975)⁴⁹ que faz uma análise do racismo presente na Constituinte de 1934. Desse modo ela diz que:

“Por centrar a sua análise no período da Constituinte de 1934, Luizetto perde outros aspectos evidenciados nos vários momentos da discussão antinipônica no Brasil que, vistos em conjunto, apontam para outros projetos políticos. Entre eles podemos citar o de branqueamento da população nacional, no qual o japonês aparece como elemento nocivo e de difícil assimilação e, posteriormente, ao final da década de 1930 e começo da de 1940, o projeto de nacionalização compulsória, que vê nos japoneses e em outros imigrantes elementos que deveriam ser obrigatoriamente assimilados. Este último nos remete a um projeto de ‘desintegração’ dos núcleos étnicos, seja através de uma política de educação mais voltadas para os padrões brasileiros e excludente quanto à cultura dos imigrantes, seja através da possível miscigenação com brasileiros – miscigenação indesejável, mas necessária para

⁴⁷ Id, ibid, p.79.

⁴⁸ Id, ibid, p.80-81.

⁴⁹ LUIZETTO, F. V. *Os Constituintes em face da Imigração* : estudo sobre o preconceito e a discriminação racial e étnica na Constituinte de 1934. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH da USP, 1975.

eliminar os 'quistos étnicos' formados pelos japoneses -, políticas estas, elaboradas no governo Vargas. Os japoneses e outros imigrantes não seriam, assim, somente concorrentes econômicos de outros setores da sociedade, como afirma o trabalho de Luizetto, mas seriam considerados elementos nocivos ou perigosos para a formação ou manutenção da nacionalidade brasileira."⁵⁰

Já em relação ao Estado de São Paulo, Nogueira (1983) diz que, através da Lei nº 356 de 1895, o governo restringiu a entrada de vários imigrantes, sendo os japoneses um deles. Houve também dificuldades através dos acordos de imigração, anteriormente a primeira leva oficial de imigrantes japoneses para o Brasil.⁵¹

Após a chegada dos imigrantes nipônicos, o Estado de São Paulo continuou modificando os contratos de imigração, em razão da dificuldade de adaptação deles. E as medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, mencionada no item 2.3 da segunda leva de imigrantes até 1935 – nesse mesmo capítulo, dificultaram ainda mais a entrada dos japoneses no Brasil.

Desta forma, percebe-se que a assimilação nipônica nesse país foi difícil em razão desse preconceito amarelo que existiu no Brasil e no Estado de São Paulo. Por essa razão os imigrantes se isolaram, construindo seus núcleos e tendo uma educação fechada. Como não conseguiam se comunicar, raramente se misturavam com os brasileiros. E pela cultura japonesa, eles não se casavam com pessoas de outra nacionalidade. Isso ocorreu até a nacionalização proposta por Getulio Vargas.

⁵⁰ NUCCI, P. 2000, p.20-21.

⁵¹ NOGUEIRA, A. N. 1983, p.89-94.

Capítulo III – A Educação

3.1 O valor da instrução para os japoneses

A importância da educação para o povo japonês é uma questão de construção cultural, isso ocorreu no período *Tokugawa* (1600-1867) e se intensificou na Reforma *Meiji* (1868-1912). Anteriormente, ao período *Tokugawa*, a educação era limitada somente para os *samurais* (guerreiros) e nobres. Segundo Camacho (1993),

“O primeiro passo dado em direção à popularização do ensino ocorreu no Shogunato Tokugawa (1600-1867) que abriu grande quantidade de *terakoya*. Os *terakoya* se limitavam ao ensino de noções elementares de escrita, de leitura, e de matemática. Os sacerdotes, os professores e os *ronin*⁵² se encarregavam dessa missão. O grande mérito dos *terakoya* (20)⁵³ foi abrigar estudantes das classes dos não governantes, como filhos de agricultores, artesãos e mercadores, popularizando dessa forma, a cultura anteriormente restrita aos nobres. A alfabetização ganhou asas e expandiu-se rapidamente.

⁵² Os *ronin* eram *samurai* que se tornavam homens livre e errantes, como afirma CAMACHO, L.M.Y.1993, p.16.

⁵³ "tera = templo budista

koya = casa da criança

Terakoya eram escolas para crianças estabelecidas nos templos budistas. Alguns *terakoya* já existiam antes de Tokugawa. Haviam sido estabelecidos pelos clãs. Porém, nada fizeram em prol da educação popular." CAMACHO, L.M.Y. 1993, p.56 (Nota de rodapé)

Os *terakoya* foram os únicos estabelecimentos educacionais acessíveis ao povo que ensinavam além da educação elementar, as atividades comerciais e agrícolas. Era uma escola profissionalizante.”⁵⁴

Camacho diz ainda que, não havia nenhuma instrução para a mulher nessa época, pois ela era considerada, em razão à penetração da filosofia chinesa nesse país, como

“(...) um ser pouco inferior ao animal doméstico. (...) A educação feminina se restringia a torná-las virtuosas, castas, obedientes e conhecedoras da costura e da conversação.”⁵⁵

Já na Era *Meiji* (1868-1912), o Japão começou a se modernizar, como dito anteriormente no Capítulo I, atingindo também a educação desse país. O ensino público seguiu os modelos norte-americanos e europeus. No entanto, houve diversos problemas com esses, após várias leis promulgadas é que o ensino se alavancou.⁵⁶

Essa modernização do sistema educacional japonês se deu graças a alguns acontecimentos anteriores que foram fundamentais como: a ortografia japonesa era de fácil compreensão, assim a alfabetização tornou-se um processo simples; já havia muitos *terakoya*; os professores do ensino médio e de escolas primárias foram

⁵⁴ CAMACHO, L.M.Y. 1993, p.56.

⁵⁵ Id, ibid, p.57

⁵⁶ Id, ibid, p.58

em grande parte *shizoku* (ex-samurai); e entre outros acontecimentos. Além de vários outros princípios como: nacionalista - a educação primária priorizava a ética e a moral, a educação superior ensinava o suficiente para atender o que era importante para o Estado; culturais - os japoneses adotaram a educação estrangeira sem perder o ponto referencial de sua cultura. Houve a entrada de muitos professores estrangeiros convidados no país; liberais - o Estado foi quem controlou a educação pública e privada, houve uma rejeição do povo em fazer parte desse tipo de educação, nascendo o ensino privado, com pensamentos liberais; e pragmatismo evolucionista – para que o Japão não fosse explorado por outros países e conseguisse se modernizar era preciso educar não só a elite, mas também toda a população. Assim, apareceram várias instituições educacionais para atender essa demanda.⁵⁷

Na era Meiji (1868-1912) “a educação escolar mínima atingiu indiscriminadamente a população urbana e rural.”⁵⁸ E a mulher, assim como os homens, pode ser instruída dentro do sistema educacional. É por essa razão que se observa que os japoneses que desembarcaram no Brasil, tinham um elevado grau de escolaridade, que ultrapassava os de outras nacionalidades, com exceção dos alemães, segundo um levantamento feito pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, correspondente ao período de 1908 a 1932.⁵⁹

A tabela abaixo demonstra o nível de escolaridade desses imigrantes:

⁵⁷ Id, *ibid*, p.59-63.

⁵⁸ Id, *ibid*, p.68

⁵⁹ DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.44-45.

Tabela IV			
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS IMIGRANTES JAPONESES			
Ano	Não escolarizados	Primário	Secundário para cima
1908 -1922	2,1%	82,2%	15,7%
1923 - 1941	0,3%	72,7%	28,0%
Fonte: Ando, Z. 1976, p.180			

Isso evidencia a razão de se preocuparem com a educação de seus filhos. De acordo com Myao (1980),

“[...] o imigrante japonês assume neste país as mesmas atitudes dos japoneses da sua terra natal diante da instrução, amoldando-se ao mesmo comportamento.

A revolução política e social iniciada na era Meiji, em 1868, trouxe profunda transformação no regime da nação nipônica, dando prioridade à difusão da educação, difundindo-a de modo drástico, como todos sabem. Desde então o Japão emergiu de uma nação fechada, de 300 anos de isolacionismo, conseguindo rápida modernização com a introdução maciça de cultura ocidental. O japonês que viveu uma época assim peculiar sentia no seu âmago que a instrução era a coisa mais importante na vida, sobrepondo-se a qualquer outra opção. O imigrante japonês que começou a chegar ao Brasil em 1908 também foi criado nesse ambiente; assim, para ele a importância da instrução era primordial.”⁶⁰

Dessa forma, os japoneses já tinham incorporado em mente a importância da educação, e quando se formavam um núcleo era de fundamental importância a construção de uma escola. Sendo assim, Handa (1987) diz que: “Quando os

⁶⁰ MYAO, S. 1980, p.91.

europeus ou brasileiros formam uma comunidade, é certo que constroem uma igreja no ponto central da mesma. Os japoneses constroem uma escola.”⁶¹

3.2 As escolas étnicas japonesas

De acordo com Demartini (2000), foram criados diferentes tipos de escolas étnicas japonesas, como:

“a) escolas agrícolas construídas pelas companhias de imigração; b) escolas noturnas para jovens e adultos; c) escolas de língua japonesa para crianças, depois transformadas em escolas primárias isoladas e grupos escolares públicos; d) escolas primárias completas mantidas por particulares; e) escolas primárias completas mantidas por ordens religiosas e f) escolas primárias/médias profissionalizantes.”⁶²

Na maioria dessas escolas, no primeiro momento, o ensino era exclusivo para as crianças. Pois os jovens haviam feito o primário no Japão, mas por falta de leitura eles ficavam prejudicados, então foi inventada uma escola noturna.

No começo os alunos aprendiam apenas a língua japonesa e com o tempo foi acrescentado o ensino de português.

⁶¹ HANDA, T. 1987, p.282.

⁶² DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.51.

Essas escolas funcionaram muito bem até a Segunda Guerra Mundial, quando surgiu as medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, que proibia o ensino de qualquer língua estrangeira para menores de catorze anos. Com isso muitas escolas fecharam, mas houve aquelas que funcionaram clandestinamente e as que por terem vínculos com autoridades.

Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses passaram a mudar o foco da educação de seus filhos. Pois decidiram permanecer definitivamente no Brasil, então para eles seus filhos teriam que “(...) se inserir nos mais altos escalões da sociedade (...) A importância da escola japonesa no processo de ascensão social diminui.”⁶³

Deste modo, percebemos que essas escolas foram criadas para conservação da cultura japonesa, para que seus descendentes pudessem retornar ao Japão sem que fossem prejudicados. E com o passar dos anos elas tiveram alguns problemas em razão das medidas nacionalistas do governo brasileiro e a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Muitas não agüentaram e outras conseguiram continuar com suas atividades na língua japonesa.

3.3 Escolas nos núcleos coloniais

Nos núcleos coloniais, havia associações onde as pessoas se encontravam para discutir os problemas do grupo, com o objetivo de prover a educação de seus

⁶³ Id, ibid, p.69.

filhos. Assim, as primeiras escolas foram feitas pelos próprios pais e pela associação.

Primeiramente a construção dessas escolas era de baixo custo, segundo Handa (1987):

"Conforme o caso servia qualquer casa de pau-a-pique, as paredes podiam ser de barro e a cobertura de sapé. Se o número de alunos fosse pequeno, casa particular também servia. Não importava onde funcionasse - era melhor improvisar do que não a ter, eis o pensamento que os norteava." ⁶⁴

O professor era contratado, quando se iniciava a construção da escola, seu salário era pago pelos pais dos alunos. Em alguns lugares eles davam aulas meio período e no outro trabalhavam na lavoura, já em outros apenas recebiam um lugar para morar cedido pelo núcleo. Algumas crianças, na época da semeadura e da colheita, tinham aulas noturnas.⁶⁵ Esse professor geralmente era recrutado entre os imigrantes formados em escolas secundária ou superior.⁶⁶

Havia também os cursos noturnos freqüentados pelos jovens, eram promovidos pela associação juvenil, com aulas apenas de japonês uma ou duas vezes por semana. Estudava-se com luz de lampiões de querosene e na época de safra, a

⁶⁴ HANDA, T. 1987, p.290.

⁶⁵ Id, ibid, p.292-293.

⁶⁶ ANDO, Z. 1976, p. 184.

escola fechava, pois não apareciam alunos em razão do cansaço. A partir de 1927 a 1930, é que essas escolas receberam professores de portugueses.⁶⁷

Em alguns lugares onde não existiam escolas, os próprios japoneses construíam e ofereciam-nas ao governo do Estado que enviava um professor. Ao mesmo tempo, o núcleo solicitava ao governo estadual autorização para o ensino de japonês.⁶⁸

É por essa razão que existiam muitas escolas étnicas japonesas no Estado de São Paulo, isso é demonstrado na tabela que se encontra abaixo. No ano de 1932, existiam mais professores japoneses do que brasileiros (tabela V) e havia 187 escolas com 9178 alunos filhos de japoneses (tabela VI).

Tabela V: Escolas Primárias de Japoneses (em Abril de 1932)				
ESCOLA	NÚMERO	PROFESSORES		TOTAL
		JAPONÊS	PORTUGUÊS	
Estadual	24	22	23	45
Estadual e particular	23	27	23	50
Particular	54	75	46	121
Ainda não reconhecida	27	34	13	47
Municipal	18	18	20	38
Municipal e particular	10	11	15	26
Sem comunicação	31	24	1	25
TOTAL	185	211	141	352
Fonte: Uma epopéia moderna, p.213				

⁶⁷ HANDA, T. 1982, p. 295-296.

⁶⁸ VÁRIOS AUTORES. 1992, p.124.

Tabela VI - Pesquisa feita pela Associação de Pais de Alunos de Escolas Primárias Japonesas de São Paulo, abril de 1932.		
ZONAS DE LOCALIZAÇÃO	Nº DE ESCOLAS	Nº DE ALUNOS
São Paulo e seus subúrbios	10	618
Santos e Santos - Juquiá	10	364
Registro e suas vizinhas	10	427
E.F. Paulista	13	544
São Paulo - Railway (*)	5	120
E.F. Central do Brasil	3	140
E.F. Mojiana	0	0
E.F. Araraquara	6	181
E.F. Douradense	2	46
E.F. Sorocabana	36	1760
E.F. Noroeste	83	4669
Estado do Paraná	8	226
Estado do Mato Grosso	1	83
Total	187	9178
(*) Atual Santos - Jundiá. Obs.: somente filhos de japoneses Fonte: Uma epopéia moderna. p.125-126.		

3.4 Escolas na zona urbana

Em 1915, em São Paulo, na Rua Conde de Sarzedas, surgiu oficialmente a primeira escola criada e mantida por imigrantes japoneses - Escola Primária Taisho. Inicialmente, as crianças aprendiam somente no idioma japonês. A partir de 1919, ela passou a ser reconhecida como escola particular, incorporando ao currículo o ensino de português.⁶⁹ Essa escola foi criada pelo professor Shinzo Miyazaki.

Havia também em São Paulo as escolas primárias completas mantidas por religiosos. Na zona central da cidade funcionava o Colégio Católico Japonês São Francisco Xavier. Os alunos eram todos japoneses, porém nem todos eram

⁶⁹ VÁRIOS AUTORES. 1992, p.177.

católicos, sendo que alguns alunos só freqüentavam a escola no período da tarde a fim de aprender o japonês. No período da manhã só havia professoras brasileiras.⁷⁰

Outro tipo de escola foi a Escola Prática de Agricultura M'Boy, instalado em 1932 pela Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha⁷¹. Destinava-se a formar elementos capazes de ocupar posição de liderança na comunidade japonesa no Brasil. Ensinavam-se técnicas de agricultura com aulas teóricas e práticas, além de língua portuguesa, japonesa, história e geografia do Brasil, conhecimentos gerais, etc.⁷²

*"De acordo com alguns autores, existiam escolas de práticas agrícolas em Registro e no Caxingui (periferia de São Paulo), mas não há maiores informações sobre elas."*⁷³

Nas cidades do interior do Estado de São Paulo, havia associações japonesas que mantinham internatos, primeiramente só freqüentavam esses lugares os meninos e com o tempo as meninas. As crianças e jovens estudavam nas escolas brasileiras em um período e no outro estudavam japonês com o responsável pelo internato. Nesse ambiente só se falava japonês.⁷⁴

As meninas não cursavam o ginásio, iam para a escola de corte e costura. Esse tipo de escola era considerado profissionalizante para os brasileiros, mas para os japoneses era algo indispensável, uma prenda para a mulher, que um dia, iria se tornar dona-de-casa. Por isso essas escolas eram chamadas de escolas de

⁷⁰ DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.59.

⁷¹ Era uma companhia de imigração, que ficou conhecida no Brasil como Companhia Ultramarina de Empreendimentos S.A., ou KKKK. Segundo Rezende, era "(...) a união de três grandes empresas de emigração - a Toyo, a América do Sul (Nambéi), e a Nitto - que passarão a constituir a famosa Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, ou simplesmente KKKK." (REZENDE, T. H. de.1991, p.73.)

⁷² VÁRIOS AUTORES. 1992, p.131.

⁷³ DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.51.

⁷⁴ HANDA, T. 1982, p. 504-505.

formação de noivas. Os nipônicos pensavam assim porque no Japão ensinar corte e costura para as moças casadoiras era uma tradição.⁷⁵

Em 1932, Michie Akama⁷⁶ funda em São Paulo uma das primeiras escolas de corte e costura da cidade, chamada de São Paulo *Saihou Jogakuin*⁷⁷, que em português significa Escola Feminina de Corte e Costura São Paulo. Durante quatro décadas, cerca de 5 mil mulheres passaram pelo internato.⁷⁸

De acordo com Demartini (2000), além de corte e costura,

“(...) havia também aulas de japonês, trabalhos manuais, culinária, etiqueta, tênis etc., enfim, tudo o que era necessário para uma futura dona de casa. A escola atendia à clientela da colônia japonesa do interior, sendo que 70% das alunas eram de origem japonesa. A partir de 1935, com a institucionalização dos exames de habilitação do magistério profissional de corte e costura, a escola criou um currículo para preparar as candidatas para tal exame. Aproximadamente 40 jovens conseguiam aprovação anualmente, e depois abriam suas escolas no interior do estado.”⁷⁹

⁷⁵ Id, Ibid, p.506.

⁷⁶ Michie Akama, uma imigrante japonesa, desembarcou no Brasil em 1930 e foi trabalhar numa lavoura de café [ALVES FILHO, M. 2008, p.02.] “(...) dona Akama e o marido, um oceanógrafo, terem ficado um ano em Registro, interior de São Paulo, e visto moças sem objetivos na vida, nem possibilidade de estudar. Ao chegar à cidade de São Paulo, o casal criou uma escola de corte e costura para moças, do tipo pensionato.” [DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.60.]

⁷⁷ “(...) atualmente é o Centro Educacional Pioneiro, fazendo parte de uma fundação, juntamente com o Centro de Língua Japonesa” [DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.60.]

⁷⁸ FILHO, M. A. 2008, p.02.

⁷⁹ DEMARTINI, Z. de B. F. 2000, p.60.

A grande parte dessas disciplinas era informal e não existia “(...) *um conteúdo programático formatado e registrado.*”⁸⁰ Segundo Akama (2008), havia também atividades extracurriculares, como:

“(...) grêmio, jornal, serviços de alto-falantes, instalados em diversas dependências da Escola, competição cultural e esportiva, biblioteca, centro de estudos da Língua e Cultura Japonesa, piquenique, excursões, entre outras. Havia intensas atividades artísticas, tais como: representações teatrais organizadas pelas alunas e coro feminino que já era tradicional. A difusão da música erudita era feita por meio de audições de discos criteriosamente organizadas e realizadas semanalmente.

Quanto ao culto religioso havia completa liberdade de escolha (...)

Em 1959, houve ampliação de curso: registrou-se o curso primário complementar no Departamento de Educação do Estado de São Paulo, sob nº 2054. Este curso mostrou muito eficiente desde o início (...). A Escola mantinha o Internato e o Externato, com cerca de trezentos e cinquenta alunas na época.”⁸¹

Muitas dessas escolas étnicas, tanto rural como urbana, foram fechadas como explicitado anteriormente. No entanto, a escola São Paulo *Saihou Jogakuin* não foi fechada, pois era tida como escola de corte e costura. E quando a polícia aparecia para a inspeção, as estudantes faziam várias coisas para enganá-la como

⁸⁰ AKAMA, R.C. 2008, p.49.

⁸¹ Id, ibid, p.52.

esconder textos, feito por elas para estudo, no meio de bordados e muitas vezes esses textos eram destruídos.⁸²

⁸² FILHO, M. A. 2008, p.02.

Capítulo IV – A Pesquisa

4.1 A metodologia utilizada

A metodologia de pesquisa utilizada foi a da História oral, que "(...) consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente".⁸³

De acordo com ALBERTI (2005), a História Oral surgiu nos anos 20 do século XX, e foi reconhecida somente:

"(...) após amplo movimento de transformação das ciências⁸⁴, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade." ⁸⁵

No Brasil, essa metodologia surgiu somente na metade 1970, quando foi realizado um curso promovido por quatro instituições: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e

⁸³ ALBERTI, V. 2005, p.155.

⁸⁴ "dessas ciências" – são as disciplinas das Ciências Humanas, de acordo com o texto (ALBERTI, V. 2005, p.158.)

⁸⁵ ALBERTI, V. 2005, p.158.

Documentação. E foi se consolidando conforme tempo, passando por rejeições e chegando hoje com aceitação ao mundo acadêmico.⁸⁶

ALBERTI (2005), diz que:

“A História Oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido as formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado.”⁸⁷

É importante destacar a dimensão política da história oral, que é recuperar fatos e interpretações que não foram registrados pela história oficial.

Para utilizar-se dessa metodologia é preciso, *“Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo”*⁸⁸. Sendo assim, o presente trabalho tem a intenção de resgatar memórias de imigrantes japoneses que estudaram no Brasil, utilizando-se da História Oral.

⁸⁶ Id, ibid, p.161-164.

⁸⁷ Id, ibid, p.164.

⁸⁸ Id, ibid,, p.165.

4.2 A realizações das entrevistas

Essa pesquisa iniciou-se no segundo semestre de 2007 com a disciplina EP807 - Atividades Livres, tendo a intenção de relatar a experiência escolar vivida pela imigrante japonesa, Kaoru Matsushita. No entanto, ocorreram reviravoltas no primeiro semestre de 2008, com a matéria EP808 – Trabalho de Conclusão de Curso I, e a pesquisa se estendeu a outros participantes. Assim, com a disciplina EP809 - Trabalho de Conclusão de Curso II, no primeiro semestre de 2009, foi elaborado um roteiro com perguntas e em seguida realizadas as entrevistas.

Para fazer essas entrevistas com imigrantes oriundos do Japão, os *isseis* – japoneses (primeira geração), foram escolhidas as Associações e Institutos Culturais Nipo Brasileiros, por haver grande concentração de japoneses nesses. Seriam entrevistados idosos com idades superior a de 80 anos, que desembarcaram ao Brasil crianças e estudaram nesse país.

Dessa forma, foi feita uma pesquisa na internet para achar essas associações nas cidades de Campinas, Valinhos e Vinhedo. Descobriu-se apenas o *Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas*. A partir dos contatos encontrados, foi feita a primeira visita no dia sete de abril, para explicar como seria a pesquisa. Dessa forma, foram informados os dias⁸⁹ em que haveria grandes números de pessoas que se enquadravam na pesquisa e foi pedido um ofício para ser entregue a diretoria.

⁸⁹ Dias 09/04/2009 – reunião da diretoria *Meiji Kay* (grupo da terceira idade. Segundo, o senhor Kanji esse grupo tem 37 anos, foi fundado por oito pessoas que nasceram na Era Meiji, hoje só há duas pessoas fundadoras que estão vivas, com noventa e poucos anos. Só após a morte dessas pessoas é que se pode mudar o nome do grupo. O senhor Kanji disse ainda que, Meiji significa anterior e Kay significa sociedade.) e 23/04/2009 – encontro com aproximadamente oitenta pessoas.

Na segunda visita no dia nove de abril, havia uma reunião da diretoria do grupo *Meiji Kay*, com aproximadamente quinze pessoas. Apenas um senhor quis participar e marcou uma entrevista seis dias depois.

Na terceira visita dia quinze de abril, foi feita a entrevista com o senhor Kanji Morimoto, um senhor de estatura pequena, muito simpático, atencioso e prestativo. Ele se dispôs a outras entrevistas, caso fosse necessário, dando o número do telefone de sua residência.

Na quarta visita dia vinte e três de abril, havia um encontro com todo grupo *Meiji Kay* com aproximadamente oitenta pessoas. Após conversar com o diretor, ele apresentou algumas pessoas, mas não havia ninguém que se encaixasse na pesquisa. Houve outra aproximação com esse, que ignorou a pesquisadora.

Então ocorreu uma conversa com um vendedor de livros, que indicou um senhor, esse encontrou uma pessoa com o perfil da pesquisa. Um homem de 90 anos que era deficiente auditivo e que falava muito pouco o português, infelizmente pela falta de comunicação ele foi descartado.

O mesmo senhor encontrou outro homem que se encaixava em alguns itens pesquisados, o senhor S. de 77 anos, que se dispôs a fazer uma entrevista no dia seguinte. Infelizmente só foi encontrado esse senhor, que era mais novo do que a faixa etária. Algumas pessoas passaram contatos de três indivíduos que poderiam se adequar na pesquisa. No entanto, não houve um diálogo com esses.

Na quinta visita dia vinte e quatro de abril, o senhor S. não veio e sua esposa relatou sua trajetória. Por essa razão, esse relato não foi utilizado, e também em virtude de sua idade, como dito anteriormente.

Dessa forma, foi feita outra pesquisa na internet para procurar outras associações nas cidades de Atibaia, Indaiatuba e Susano e foram encontradas. Apenas entrou-se em contato com *Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Atibaia – ACENBA*. Nodia trinta de abril, foi mandado um e-mail para o diretor da ACENBA, Mário, e esse passou seu número de celular. Ao conversar com ele, foi marcado um encontro no mesmo dia (dois de maio). Mário indicou algumas pessoas, passando os números de telefone dessas. Porém, a maioria delas não se enquadrava na pesquisa, pois nasceram no Brasil. Havia dois senhores que se encaixavam, mas eles só falavam em japonês e não existia ninguém para traduzi-los.

Para tirar foto do senhor Kanji, foi marcado mais um encontro no *Instituto Cultural Nipo Brasileiro de Campinas*, no dia vinte de maio.

Quando já se havia dado por terminada as entrevista, uma pessoa conhecida indicou a avó de seu noivo. Então no dia vinte e quatro de maio, foi marcado um encontro na casa da senhora Yuri, na cidade de Mauá. Uma senhora muito simpática e sorridente, que se mostrou muito interessada em participar da pesquisa. Ela expôs e disponibilizou fotos de quando era estudante.

Sendo assim, foram entrevistadas três pessoas imigrantes japonesas que estudaram no Brasil. Cada entrevista teve em média quinze minutos e foram transcritas ao todo doze páginas.

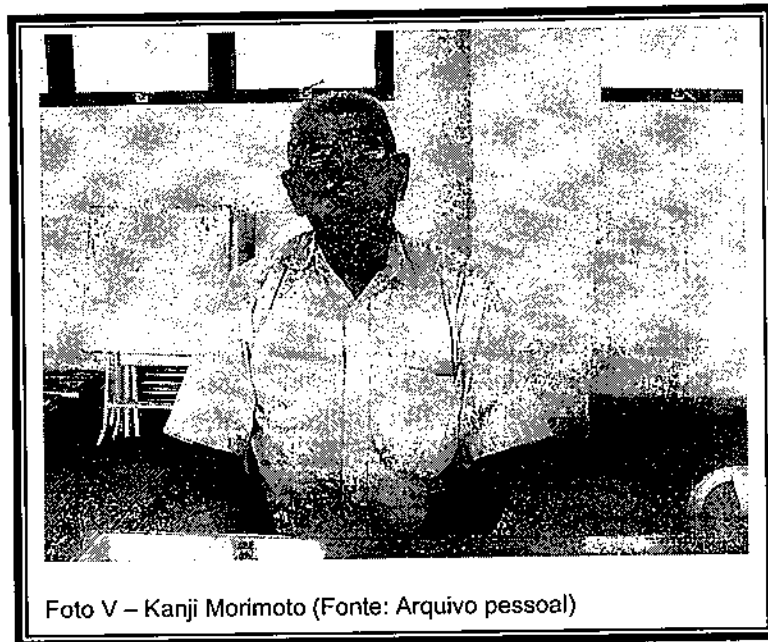
4.3 Apresentação dos entrevistados



Foto IV: Kaoru Matsushita (Fonte: Arquivo pessoal)

A primeira entrevistada foi Kaoru Matsushita⁹⁰. Ela nasceu em Tokyo, no dia vinte e nove de janeiro de 1923. Estudou quatro anos no Japão e nas férias de verão mudou *Okayama*. Imigrou com os pais e três irmãos para o Brasil em 1933, no navio *Manila Maru*. E foram para a fazenda Paraíso na cidade de Serra Azul. Estudou no Brasil aproximadamente dois anos, mas não aprendeu o português na escola. Aprendeu a ler e escrever com a família depois de casada, porque o marido começou a trabalhar como fotógrafo. Atualmente mora na cidade de Rio Claro – SP, é viúva, teve três filhos, tem dez netos e dois bisnetos.

⁹⁰ Nome de casada. O nome de solteira era Kaoru Satake. Na tradição japonesa a esposa perde seu sobrenome, recebendo o do esposo. Porém, existem exceções como é o caso da terceira entrevistada Yuri Noguchi Muraguchi.



O segundo entrevistado foi Kanji Morimoto. Ele nasceu Hiroshima, no dia primeiro de agosto de 1924. Entrou na escola com sete anos de idade, estudando um ano no Japão. Imigrou com os pais, a irmã e uma tia para o Brasil em 1932, no navio *Santos Maru*. E foram para a Fazenda Santa Rosa, em Ribeirão Preto - SP. Estudou o primário no Brasil, onde aprendeu o português. Atualmente mora na cidade de Hortolândia- SP, é casado, tem seis filhos e onze netos.



Foto VI: Yuri Noguchi Muraguchi

A terceira e última entrevistada foi Yuri Noguchi Muraguchi. Ela nasceu em *Saga-ken Tara-shi*, no dia treze de agosto de 1924. Entrou na escola com sete anos de idade, estudando um ano no Japão. Imigrou com os pais e seus seis irmãos para o Brasil em 1932, no navio *Buenos Aires Maru*. E foram para a Fazenda Palmares, em Borebi - SP. Estudou o primário no Brasil, mas não aprendeu fluentemente o português na escola, porque só convivia com japoneses. Fez aulas de corte e costura em uma escola particular em Presidente Prudente. Atualmente mora na cidade de Mauá - SP, é casada, tem seis filhos, doze netos e uma bisneta.

4.4 O relato oral dos imigrantes japoneses que estudaram no Brasil

Observando a apresentação dos entrevistados percebe-se que todos estudaram no Japão antes de virem para o Brasil. Sendo assim, retrocedemos ao Capítulo III – A Educação, no item 3.1 O valor da instrução para os japoneses. Nessa parte, Camacho (1993) e Myao (1980), dizem que a importância da educação para o japonês é uma construção culturalmente construída naquele país. Do mesmo modo, Setoguti (2008) diz que,

"(...) os imigrantes japoneses que vieram para o Brasil já estava enraizada uma mentalidade extremamente favorável a educação. Tal mentalidade resultava do processo de universalização da educação fundamental no Japão, que, ao contrário do que ocorreu no Brasil, efetivou-se logo no início do Século XX." ⁹¹

Muitas crianças japonesas que chegaram com a idade escolar ao Brasil, já eram alfabetizadas em japonês, por causa do processo de universalização do ensino básico no Japão, dito acima por Setoguti (2008). Assim, os entrevistados Kaoru Matsushita, Kanji Morimoto e Yuri Noguchi Muraguchi, dizem respectivamente que:

"Estudei primeiro, segundo, terceiro, quarto ano e nas férias de verão mudamos para cidade natal do meu pai, Okayama, e terminei o primário lá. A classe era só de meninas e era uma professora quem dava aula. A escola chamava *Shogako*, escola

⁹¹ SETOGUTI, R. I. 2008, p.1162.

primário, Tokyo, só estudava meninas lá, e a de Okayama eu não me lembro o nome. No primeiro ano, só aprendia o *katakana*. No segundo ano, *katakana* e *hiragana* misto. No terceiro ano, bastante *hiragana* e entra o *kanji* pouco, os mais fáceis. As crianças no primário aprendem já os três tipos de alfabetos. Tinha aula de língua japonesa, matemática, desenho, esporte, geografia, história e educação com uma mesma professora, música era outra professora quem dava aula, tinha piano e tudo. Quando tinha festa a professora ensinava dança, que chamava *yugi*, com canto que era da escola mesmo, e dançava todo mundo era bem bonitinho."

"Estudei no Japão o primário. Naquela época entrava com sete anos, agora é seis anos lá. Entrei com sete e com oito já vim para o Brasil, nas férias de agosto. Estudei um ano só, era como a primeira série aqui. Aprendi o começo de japonês."

"Estudei até vim para o Brasil. Um ano estudei, aprendi a escrever e ler em japonês pouquinho, né."

Analisando as falas dos entrevistados entendemos como era o currículo escolar das escolas japonesas. As crianças entravam na escola com sete anos e de acordo com que Kaoru diz acima, no primário já se aprendia "os três tipos de alfabeto" japonês (*katakana*, *hiragana* e *kanji*) e depois havia as matérias, explicitada acima por ela. A mesma entrevistada lembra ainda que, quando tinha alguma festividade eles apresentavam uma dança, que se chamava *yugi*. Sobre "os três tipos de alfabeto" Akama (2008) explica que,

"O sistema fonético da língua japonesa caracteriza-se pelo número reduzido de fonemas. A língua japonesa é grafada por meio de três variedades de símbolos gráficos: *kanji* – ideograma, e duas variedades de *kana* – fonograma. *Kanji* é a escrita de origem chinesa, que representa diretamente uma idéia, ou seja, é provida de significado. *Hiragana* é a variedade de *kana* criada através de deformação de certos *kanji*, e é empregado na grafia de quase todos elementos da língua japonesa, exceto os de origem estrangeira, que não a chinesa. *Katakana* é a variedade de *kana* criada pela extração de uma parte do *kanji* e é utilizada, quase que exclusivamente, na grafia de vocabulários de origem estrangeira, exceto chinesa e onomatopéias." ⁹²

Rezende (1991) e Handa (1987) lembram que no navio havia aulas de português.⁹³ Kaoru e Kanji confirmam que tiveram aulas de português no navio, aprendiam palavras de cumprimentos como: olá, obrigado, boa tarde, bom dia, boa noite, entre outras. Kaoru relata que,

"Não ficava só brincando não, tinha aula de japonês e português no navio. Continuei estudando. Mas aprender português, não aprendi, na hora sai, né. Mas não guarda a palavra, não consegue. As aulas começavam às nove horas e meio-dia acabava, depois era livre para brincar."

Já Kanji diz que as aulas não eram regulares, participava que queria e como ele era criança, só queria mesmo é brincar. Os adultos também queriam apenas se distrair. Ele conta que

⁹² AKAMA, R.C. 2008, p. 195.

⁹³ REZENDE, T. H. de. 1991, p.57.
HANDA, T. 1987, p.111.

"A maioria no desespero era só brincar e beber, 52 dias no navio, não tinha aonde ir e só brincava. Era jogar baralho, era xadrez, era só brincar todo dia. O navio parava em todo porto que passava, porque é meio carga e não é só passageiro, em cada porto ficava dois dia e depois saia de novo, por isso demora 52 dias."

De acordo com os entrevistados, apenas Kaoru é que já começou estudar em Grupo Escolar, logo que se mudou para a fazenda Paraíso. Os outros começaram depois. Kanji disse que

"Não ai na escola na primeira fazenda, tinha o Makoto japonês que leciona português, então durante um ano estudei com ele. Ele é japonês, mas fiscal da fazenda. Que tinha três famílias japonês colono, então não sabia falar nada, então tem que ensinar português. Todo dia depois do almoço tem que ir na casa dele estudar português. Estudo um ano com ele."

Já Yuri relata que, *"não tinha escola na fazenda, aí quatro anos não tinha escola."* Depois ambos começaram a estudar também em um Grupo Escolar, somente na escola que Yuri estudou é que havia aulas de português e japonês. Todos os entrevistados contam que iam e voltavam andando para a escola, e que essa caminhada era de três a quatro quilômetros. Kaoru lembra que:

“Depois de uns dias, todo dia vem um homem buscar os alunos, vai uns quinze alunos, vai. Sabe era obrigatório ir... pega um caderninho e leva uma fruta banana, laranja... na escola e quando esse que chama Benedito, né? Primeiro de manhã vem buscar... como chama Benedito... então vem bate, bate, bate, eu e a menina vizinha temos que ir, sabe, né? E nós não queremos ir, não queremos, não entendi nada, mas tem que ir. Então mamãe fala ‘- Vai! Vai! Vai! Pega caderno que você tem aí, pega lápis e cor de lápis, pega tudo.’ E vai e foi. Nós não entendíamos nada, letra de escreve e letra de lê é diferente, né? Então letra não entende. Japão, letra de escrito no livro e no caderno é a mesma coisa.”

Kanji e Yuri dizem que não havia nenhum adulto que acompanhava as crianças, iam em grupo de muitos amiguinhos. Eles relatam, assim como Kaoru, que era muito difícil o português. Kanji fala que *“Ah, a gente não sabia fala o português e era difícil, difícil, viu.”* E Yuri lembra que *“depois mudou no Bastos, daí que comecei a ir à escola. Na fazenda Palmares só falava japonês, não teve contato com português. Por isso sofreu muito no Bastos, não entende nada que o professor falava, né?”*

Todos os entrevistados apenas se relacionavam com japoneses nas fazendas, portanto falavam japonês. E só tiveram contato com a língua portuguesa na escola e para eles essa assimilação foi muito sofredora.

Desse modo Setoguti (2008) afirma que, *“Muitos dos imigrantes japoneses que vieram ao Brasil, (...), relatam o impacto que sofreram ao se deparar com um mundo totalmente estranho.”*⁹⁴ Assim, Nogueira (1983) diz que as principais limitações da adaptação dos japoneses foram às diferenças de língua, costumes e

⁹⁴ SETOGUTI, R. I. 2008, p.1168.

alimentação.⁹⁵ Ela relata ainda “(...) a língua como um fator fundamental para o processo de assimilação, pois é o mais eficiente dos meios de comunicação entre os seres humanos.”⁹⁶

Sobre a sala de aula, Kaoru diz que havia três japonesas contando com ela, o restante dos alunos eram brasileiros. Uma delas já estava no Brasil há quatro anos, falava português e japonês. Essa aluna ajudou muito Kaoru e a outra garota. Já Kanji disse que “só tinha brasileiro na classe... e japonês só tinha eu.”

É interessante destacar o que Yuri conta sobre sua sala de aula.

“Estudou quatro anos, naquele tempo era Grupo Escolar. Era professora que deu aula nesse período. Na sala de aula tinha mais alunos japoneses do que brasileiros. Na sala de aula só falava em japonês. As alunas que eram brasileiras, a gente, no início, conversava mais ou menos. A professora proibiu conversar japonês! Ela falava: - Não pode falar japonês aqui é escola brasileira! Mas aí (ela sorri) como é que iam falar, né? É sofreu mesmo... para aprender, né.”

Nesse caso ocorre o inverso, pois havia mais alunos japoneses que brasileiros e esses alunos ainda conversavam em japonês na sala de aula. Yuri relatou ainda, que isso não ocorria só com a classe dela, mas com toda a escola. Dentre setenta alunos que se formaram na quarta série de 1940, apenas oito eram brasileiros. Isso é demonstrado nas fotos, que se encontram no próximo capítulo.

⁹⁵ NOGUEIRA, A. R. 1983, p.163.

⁹⁶ Id., ibid, p.153.

Desse modo, fica uma pergunta a respeito desses alunos brasileiros: Será que eles se sentiam excluídos e desamparados diante do restante da classe?

A respeito dos professores Kaoru, Kanji e Yuri respectivamente dizem:

"A professora era elegante e muito bonita, ela acompanhava a gente em tudo para ensinar. Meu marido já foi diferente, a professora tentava ensinar para ele as letras, não conseguia e desistia, aí ela dava desenho para ele ficar fazendo todo dia, daí ele não foi mais para a escola, porque só ficava desenhando. Ele fazia desenhos bonitos."

"A professora não entendia nada de japonês. Ela tem que me ensinar a aprender português primeiro, né. É devagarzinho ia aprendendo. A professora já sabia que eu era japonês daí explicava bem direitinho até entender, era boa professora. Ficava do lado dando atenção... aprendeu desde o começo do abecedário na cartilha."

"Primeiro, segundo, terceiro e quarto mudava sempre (as professoras). A professora dava atenção na hora de ensinar o abecedário, na primeira série. Eu não conversava com o professor, não sabe falar, né."

Vemos a preocupação das professoras dos entrevistados em dar-lhes atenção e explicar o português a eles, todos dizem que elas tinham paciência de ensinar, mas observamos que com o marido de Kaoru, foi diferente e isso levou o a desistir de estudar.

Os entrevistados estudaram também em outros tipos de escola. Kaoru estudou em uma escola de colônia, Kanji seu pai e outro senhor construíram uma escola para as crianças da colônia estudar e Yuri estudou em uma escola de corte e costura. Sobre essas escolas eles lembram que:

“Depois de dois anos mudamos para a Colônia Tóquio. A escola ficava dentro da colônia, era bem grande. Era uma sala grande, com bastante carteira, as séries eram separadas por fileiras e era uma única professora que dava aula. Havia uns quarenta alunos. Tinha até a sexta série na língua japonesa, as aulas eram das oito horas à meio dia, eu estava aprendendo no livro do quinto ano que já tinha. E língua portuguesa era da uma hora às três e meia, continuei aprendendo a letra B com o mesmo livro. Estudei um ano nessa escola.” (Kaoru)

“Fiquei dois anos e pouco no Grupo Escolar. Depois o meu pai e mais um japonês de idade reuniu e fez uma sociedade e colocou uma escola que é nipo-brasileiro, quer dizer que era uma escola japonês e português. Então, dentro de colônia tinha vinte e poucas crianças, né... então levantou casa... a escola no sítio de um japonês que doou um pedaço de chão, construiu uma casa...(ficou pensativo)... oito por dez e pôs a escola japonês e português. Então lecionava japonês e chamava a professora da cidade todo dia depois do meio-dia entrava português, aliás brasileiro. Professora entrava e lecionava português. Durante dois anos foi assim. Aí terminei o primário aí.” (Kanji)

“Fez corte-costura. Em uma escola de Presidente Prudente, mas só tinha aula de corte-costura. Eu morei num sítio e quando termina a colheita de algodão, é só serviço de homem depois. Daí eu ia para a aula de corte-costura, foi três anos. Cada

ano três meses, depois comecei a trabalhar no alfaiate para aprender mais um pouco. Depois casei. Havia bastante aluna na escola. Essa escola era particular, a irmã da professora tinha estudado em São Paulo na escola de corte e costura Mitie Akama. E quando terminou montou essa escola em Presidente Prudente, junto com professora e o marido da professora, que era alfaiate.” (Yuri)

Nota-se que os entrevistados Kaoru e Kanji estudaram em Grupos Escolares e Escolas de Colônia com aulas de português e japonês. Já Yuri estudou em um Grupo Escolar que era bilíngue, como dito anteriormente, e em uma Escola de corte e costura. Sobre essas escolas, retornamos no Capítulo III – A Educação, no item 3.2 As escolas étnicas japonesas, nesse item Demartini (2000) diz que foram criados diferentes tipos de escolas étnicas japonesas e que,

“(...) o surgimento dessas escolas ocorre principalmente para a preservação da cultura e dos valores japoneses (escolas particulares), mas também, que sua criação servia para suprir as deficiências do sistema educacional brasileiro.”⁹⁷

Percebe-se no relato de Kanji que seu pai e outro senhor foram quem ergueram a escola, a respeito disso Dermartini (2000) diz que: *“(...) as escolas surgidas da união de famílias, que parecem ter sido o tipo mais comum; surgem em virtude dos esforços e interesses dos pais em proporcionarem certo grau de escolaridade aos descendentes.”*⁹⁸

⁹⁷ DEMARTINI, Z. F.B. 2000, p.65.

⁹⁸ Id, ibid, p.65.

Já Yuri conta sua experiência em uma escola profissionalizante, no entanto, essa escola em que ela estudou, só havia o curso de corte e costura, que como dito anteriormente era uma prenda indispensável para o casamento. De acordo com Vários autores (1992) alunas formadas nas escolas de corte e costura de São Paulo, como a Escola de Corte e Costura Mitie Akama, algumas dessas quando regressavam para *"à sua terra de origem, fundavam por sua vez escolas de corte e costura. Anos depois, em quase todas as colônias japonesas encontravam-se um ou dois estabelecimentos do gênero."*⁹⁹

Kaoru disse que também fez corte e costura também, mas não foi em uma escola, ela aprendeu com uma senhora e em uma associação de moças em uma colônia que morou.

Essa importância do corte e costura na cultura japonesa, provavelmente se dá em razão de que naquela época não havia tanta facilidade de se encontrar roupas prontas, assim era fundamental que a mulher soubesse costurar as roupas de seu marido e filhos. O corte e costura era tão importante que fazia parte das prendas domésticas que a mulher precisava saber, para ser uma boa dona de casa. De acordo com Akama (2008), "O universo feminino é extremamente valorizado na cultura japonesa como sendo um dos principais pilares para a edificação familiar, daí a grande importância na formação de bons valores dessa matriarca."¹⁰⁰

Através da apresentação e dos relatos feitos pelos entrevistados observamos que Kanji e Yuri que completaram todo o primário, já Kaoru estudou aproximadamente dois anos e segundo ela só ficou aprendendo a letra B. No

⁹⁹ VÁRIOS AUTORES. 1992, p.132.

¹⁰⁰ AKAMA, R.C. 2008, p. 31.

entanto, apenas Kanji é o único que conseguiu aprender o português na escola. As outras entrevistadas só aprenderam o português depois com o tempo.

Capítulo V – Fotos

As fotos que se encontram abaixo foram cedidas pelas entrevistadas Kaoru Matsushita e Yuri Noguchi Muraguchi. Ambas deram a autorização de consentimento para o uso monográficos dessas fotografias.

Na primeira foto encontra-se a família de Kaoru, meses antes de emigrarem para o Brasil. Ela é a garotinha do lado esquerdo da foto, ao seu lado estão seus irmãos, Kano Satake (o maior), Oru Satake (o menor), sua mãe Sonoko Satake e outro irmão Tasko Satake (o bebê).



Figura IV
Kaoru e sua família, poucos meses
antes de emigrarem para o Brasil -
Fevereiro de 1933.
(Fonte: Arquivo Pessoal)

A segunda foto é do corpo de docentes da escola em que Yuri estudou em Bastos, em 1940.



Figura V
Corpo docente do Grupo Escolar de Bastos, escola em que Yuri estudou – 1940.
(Fonte: Arquivo Pessoal)

Já as terceira, quarta, quinta e sexta fotografias são dos alunos que se formaram junto com Yuri. Ela está na figura VI, é a garota que da segunda fileira, a última.

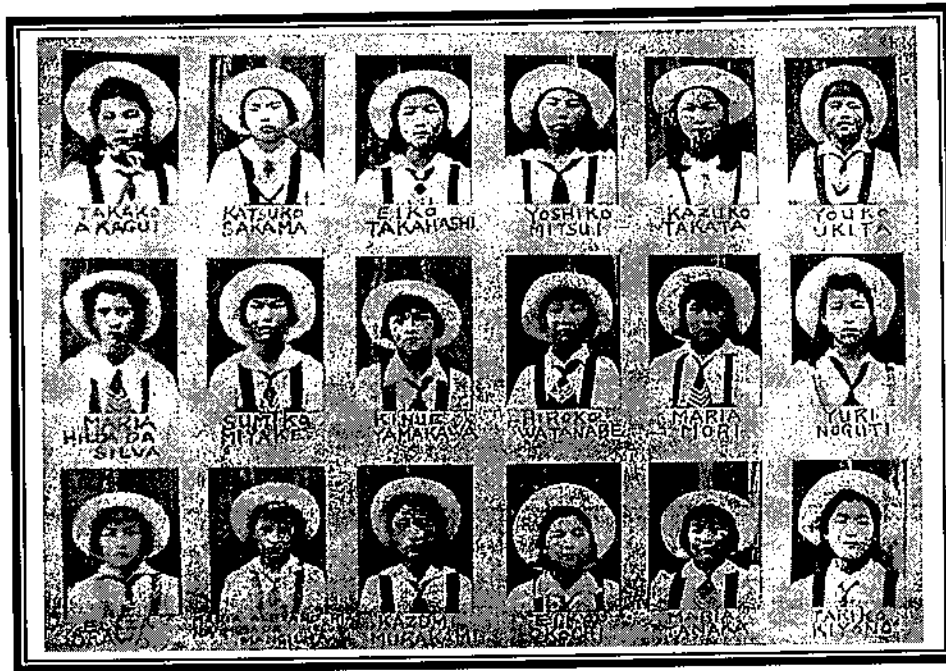


Figura VI
Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou – 1940.
(Fonte: Arquivo Pessoal)



Figura VII
Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou – 1940.
(Fonte: Arquivo Pessoal)



Figura VIII
Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou – 1940.
(Fonte: Arquivo Pessoal)



Figura IX
Formandos da 4ª série do Grupo Escolar de Bastos em que Yuri estudou – 1940.
(Fonte: Arquivo Pessoal)

A sétima e última fotografia foi cedida por Yuri, é a classe de corte e costura que ela estudou. Yuri é a quarta aluna, da esquerda para a direita que está em pé. A sua professora é a que está sentada no meio e a irmã da professora é a que está sentada na direita.



Figura X
Turma de corte e costura de Yuri, em Presidente Prudente - 1944 ou 1945.
(Fonte: Arquivo Pessoal)

Considerações Finais

Por meio de uma longa pesquisa bibliográfica e de profundas leituras, realizada praticamente em um ano e meio, esse trabalho descreveu a difícil trajetória dos imigrantes japoneses e como eram as escolas-étnicas que esse grupo vivenciou no Brasil. Para isso foi preciso recorrer a fatos históricos, para contextualizar o que ocorria com as migrações no final do século XIX e começo do XX, período em que essa etnia começou a migrar. Considerando a abordagem qualitativa da pesquisa os três depoimentos coletados foram significativos para qualificar a problemática da pesquisa que é a educação escolar de imigrantes japoneses que vieram e estudaram no Brasil no período de 1932 a 1942.

Assim, foi possível refletir a partir do depoimento oral desses imigrantes nipônicos como foi a assimilação deles com o ambiente escolar.

Observamos desse modo, que eles sofreram muito para aprender a língua portuguesa na escola e que a maioria dos entrevistados somente conseguiu isso com o tempo. Podemos perceber ainda, que os depoimentos estavam de acordo com a bibliografia encontrada e apontava aspectos importantes do processo da escolarização do imigrante japonês no Brasil, que foram: o período que começaram a estudar; como iam e como era a escola; a maneira que eram tratados pela professora; se havia outro japonês na sala em que estudaram; quais escolas que estudaram e quanto tempo estudaram.

É interessante destacar a importância que os japoneses tiveram perante as construções de muitas escolas estaduais e municipais no Estado de São Paulo, uma vez que, ao formarem uma comunidade, o fundamental era construir uma escola, para que seus filhos pudessem estudar. De acordo com Vários Autores (1992), em lugares onde não havia escolas próximas de uma colônia japonesa, essa construía um prédio escolar e sedia ao Estado, que enviava um professor para lecionar o português e ao mesmo tempo a colônia pedia a autorização para o ensino de japonês, que muitas vezes se responsabilizava pelo custo desse curso.¹⁰¹

Verificamos, portanto, que essa questão precisa ainda de mais estudos, pois como diz Kreutz (2000), *"A ampla estrutura de apoio criada para fundamentar o processo escolar dos imigrantes no Brasil é pouco conhecida, e motiva todo um leque de pesquisa."*¹⁰²

¹⁰¹ VÁRIOS AUTORES. 1992, p.124.

¹⁰² KREUTZ, L. 2000, p.174.

Referência Bibliográfica

- AKAMA, Regina Chiga. **A formação da identidade feminina: reconstruindo a memória e a história de vida de ex-alunas do internato São Paulo Saihou Jogakuin.** Campinas, SP: [s.n], 2008. (Tese de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes)
- ANDO, Zenpati. **Estudos Sócio-Históricos da Imigração Japonesa.** São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1976.
- ASO, Makoto; AMANO, Ikuo. **Educação e Modernização do Japão.** São Paulo, Ministério dos Assuntos Estrangeiros do Japão, 1972.
- ARAUJO, Braz. "Evolução da sociedade e do estado no Japão: uma visão abrangente." in **Revista Usp**, São Paulo, n. 27, Dossiê Brasil – Japão, set./nov. 1995, p. 06 -19.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República** – das origens a 1889. 5ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. Prefácio – Um analista do inconsciente. In: Sayad, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**; trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 09-12.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **As relações entre cultura japonesa e educação dos nipo-brasileiros: um estudo dos elementos influenciadores do desempenho escolar positivo dos descendentes de japoneses.** São Paulo, PUC,

1993. (Tese de mestrado em Educação, área de concentração: História e Filosofia da Educação).

DEMARTINI, Zeila de B. F. "Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira" in: **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 72, Agosto 2000, p. 43 - 72.

_____. "Infância e imigração: questão para a pesquisa." In: Freitas, Marcos Cezar de. **Desigualdade social e diversidade cultural**. SP: Cortez, 2006, p. 113 - 153.

GEORGE, Pierre. **As migrações internacionais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz/ Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, 1987.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era do capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KLEIN, Herbert S. "Migração Internacional na História da Américas" in: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

KREUTZ, Lúcio. "As escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estrutura de apoio." in: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.15, set./Out./Nov/Dez. 2000, p.159-176.

MIYAO, Sussumu. "Posicionamento social da população de origem japonesa". In: SAITO (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração Japonesa na história contemporânea do Brasil**. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo. SP, 1983.

NUCCI, Priscila. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios**. Campinas, SP: [s.n], 2000. (Tese de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas)

REZENDE, Tereza Hatue de. **Ryu Mizuno: saga japonesa em terras brasileiras**. Curitiba: SEEC, 1991.

SAKURAI, Célia. "Primeiros pólos da Imigração japonesa no Brasil" in **Revista Usp**, São Paulo, n. 27, Dossiê Brasil – Japão, set./nov. 1995, p. 32 - 45.

_____. "Imigração japonesa para o Brasil: Um exemplo de imigração tutelada (1908-1941)" in: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Glaucia de Oliveira. **As teorias das migrações internacionais**. In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000, Caxambu. Brasil, 500 Anos: mudanças e continuidades. Caxambu: ABEP, 2000.

SETOGUTI, Ruth Izumi. **A tradição educacional entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros**. 2008 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

VÁRIOS AUTORES. **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

WAKISAKA, Katsunori. "Imigração no Brasil – 80 anos" in: **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 16, março 1989, p.16 - 24.

Jornais:

ALVES FILHO, Manuel. Tessituras de uma identidade. In: **Jornal da Unicamp**. Publicação do dia 16 a 22 de junho de 2008. Campinas, p.02.

Anexos I

- Roteiro com perguntas usadas na entrevista:

1. Onde você nasceu no Japão? Em que ano?
2. Estudou no Japão, em alguma escola?
3. No navio tiveram aulas de português?
4. Em que ano você chegou ao Brasil?
5. Quando chegou na fazenda você já começou ir para escola?
6. Como você ia para a escola?
7. Você lembra como era a escola?
8. Você lembra como a professora ensinava? Ela dava atenção para você?
9. Tinha outro japonês na sala que você estudou?
10. Você estudou em outra escola? Como era?
11. E quanto tempo você estudou?
12. Você aprendeu falar português na escola?

Anexo II

- Modelos dos termos de conscientização, usados pela pesquisadora para uso acadêmico das falas e imagens.

1. CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) _____, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE;
- b) _____, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre as fotografias produzidas por _____, nas quais estão documentadas cenas de _____.
- 2) As fotografias produzidas sobre _____, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª – Do Objeto

- 3) É objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª – Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa do mesmo;
- 4.1 A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2 Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª – Do Prazo

- 5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª – Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente aquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o foro da Comarca da cidade de São Paulo como competente para resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Campinas, ____/____/____.

Licenciante

Licenciado

Testemunhas:

Nome

Nome

2.

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO

Pelo presente documento _____

_____, _____, _____
(nacionalidade) (estado civil) (profissão)CPF n. _____, RG n. _____, domiciliado e
residente à __________ declaro
ceder à _____, aluna da _____, da Universidade
Estadual de Campinas, sem quaisquer restrições quanto aos efeitos patrimoniais e
financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e
documental que prestei, na cidade de Campinas, em ____/____/_____, no total de
_____fita(s) gravada(s).A pesquisadora fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins
científicos e culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem
como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins acadêmicos.

Campinas,

(Assinatura do Depoente)